

A VIVÊNCIA DO CORPO E A RELAÇÃO MÃE-BEBÉ NA GRAVIDEZ

Ana Meireles - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Maria Emília Costa - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Palavras-Chave: Gravidez; Relação mãe-bebé; Relação com o Corpo

Numa perspectiva desenvolvimental, é consensual que ao longo do ciclo de vida as pessoas encontram numerosos períodos de transição envolvendo mudanças de papéis, de contexto social e biológicas (Ruble, 1990; Canavarro, 2001). Estas transições constituem momentos de actualização do auto-conceito (Dion, 1985; Cohen & Slade, 2000; Canavarro, 2001) e das relações com os outros significativos (Belsky, 1985; Smith, 1999; Ruble, 1990; Cohen & Slade, 2000; Canavarro, 2001). “Ser pai / mãe” é normalmente descrito como uma das tarefas desenvolvimentais mais significativas da idade adulta (Dion, 1985; Canavarro, 2001). A gravidez / maternidade é uma etapa desenvolvimental que supõe a redefinição da identidade em torno das tarefas de construção da identidade materna e de construção da relação mãe-bebé. Na resolução destas duas tarefas psicológicas tem um papel fundamental a vivência do corpo e das transformações físicas da gravidez.

No entanto, se por um lado, o estudo da maternidade como um processo de desenvolvimento da mulher tem sido negligenciado, por outro lado, a revisão da literatura permitiu constatar as limitações existentes em termos da investigação desenvolvida no sentido de associar o corpo enquanto objecto de estudo da psicologia com as variáveis relacionadas com a gravidez. A forma como se tem desvalorizado o papel do corpo ao nível da produção científica no campo da psicologia salienta a urgência de um enfoque precisamente sobre a influência do corpo no desenvolvimento e funcionamento da identidade.

No estudo da influência da vivência corporal no desenvolvimento da identidade do adulto, é possível destacar a gravidez como um acontecimento de vida normativo (nas mulheres) que reúne claramente os dois níveis de mudança psicológica pois ao nível da vivência corporal, são óbvias as drásticas mudanças e experiências corporais e ao nível do processo de desenvolvimento da identidade, é evidente o forte desafio que é colocado pelo novo papel.

Neste âmbito, considerou-se pertinente explorar as vivências corporais da grávida e sua influência nas suas atitudes perante a gravidez e o bebé, bem como na construção da própria relação mãe-feto.

Pressupõe-se que sentimentos positivos relacionados com as modificações do corpo da grávida poderão estar associadas a um desenvolvimento da relação mãe-feto qualitativamente melhor. Da mesma forma, e acreditando-se que estas variáveis estejam interrelacionadas, supomos que a qualidade da relação mãe-feto influenciará a forma como a grávida sente as transformações do seu corpo. Assim, considera-se fundamental a compreensão da relação da grávida com o seu corpo na avaliação da relação afectiva mãe-feto.

Esta proposta de exploração da experiência da gravidez, tem como objectivo contribuir para a compreensão da vivência do corpo no adulto e sua importância nas relações significativas que estabelece e que são o palco do seu desenvolvimento psicológico.

Deste modo, considerou-se fundamental explorar as vivências corporais da grávida e sua relação com a construção da própria relação mãe-bebé. Para tal, recorreu-se à avaliação da relação com o bebé (MFA - Maternal-Fetal Attachment Scale, Cranley, 1981) e da relação com o corpo (BIS - Body Investment Scale, Orbach & Mikulincer, 1998) numa amostra de 120 grávidas distribuídas pelos 3 trimestres de gestação. Explorou-se as estruturas factoriais e as propriedades psicométricas dos dois instrumentos numa adaptação ao presente estudo. Os resultados obtidos com o BIS evidenciaram uma conceptualização da vivência do corpo diferente da proposta originalmente pelos seus autores no contexto do suicídio adolescente, emergindo uma nova concepção que é mais coerente com a compreensão da vivência do corpo no contexto da gravidez e do desenvolvimento da identidade da mulher. Também a avaliação da relação mãe-bebé (MFA) encontrou diferenças face à formulação original de Cranley e colaboradores, numa reestruturação das suas dimensões que advém da sua recontextualização não só em termos culturais (população portuguesa) e sociais (nível social médio baixo e baixo) mas também pela sua utilização nos 3 trimestres de gravidez (e não apenas no 2º ou no 3º trimestre). Os resultados obtidos com o BIS e o MFA foram também tratados em termos das diferenças quanto ao trimestre de gravidez, verificando-se que estas diferenças eram claras na relação mãe-bebé, mas não na vivência do corpo. Testou-se ainda a associação entre a relação mãe-bebé e a vivência do corpo, encontrando-se uma correlação muito significativa entre estas dimensões da vivência psicológica da gravidez. Esta associação foi evidenciada tanto nos factores que se referem à dimensão intrapessoal como nos factores que se referem à dimensão relacional ou interpessoal da vivência do corpo. Estes resultados são discutidos em termos do papel da vivência corporal na construção da identidade de mãe e na construção da relação mãe-bebé na gravidez.

Referências

- Belsky, Jay (1985). Exploring individual differences in marital change across the transition to parenthood: the role of violated expectations. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 1037-1044.
- Canavarro, Maria Cristina (2001). Gravidez e Maternidade – Representações e Tarefas de Desenvolvimento. In M. C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Cohen, L. J., & Slade, A. (2000). The Psychology and the Psychopathology of Pregnancy: Reorganization and Transformation. In C. H. Jr. Zeanah, et al (Ed.), *Handbook of Infant Mental Health* (2nd ed.). New York: The Guilford Press.
- Cranley, M. S. (1981). Development of a tool for the measurement of maternal attachment during pregnancy. *Nursing Research*, 30(5), 281-4.
- Dion, K. K. (1985). Socialization in adulthood. In G. Lindzey, & E. Aronson (Eds.), *Handbook of Social Psychology* (vol. II). New York: Random House.
- Orbach, I., & Mikulincer, M. (1998). The Body Investment Scale: Construction and validation of a body experience scale. *Psychological Assessment*, 10 (4), 415-425.